

Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade

Valeska Zanello e Tatiana Gomes

Resumo

Xingar é o ato de agredir por meio de palavras insultuosas tendo a intenção de ofender o ouvinte. No entanto, o que é considerado como palavra insultuosa depende dos valores da cultura e do que se espera dos sujeitos que dela fazem parte. Neste sentido, os xingamentos são sintomas culturais, constituindo-se como ponte para a pesquisa dos valores que neles se repetem e se colocam em ato. Isto é, o xingamento aponta para o lugar social que não deve ser ocupado pelo sujeito. Exerce, desta forma, um importante papel de microfísica do poder. O presente trabalho teve como escopo fazer um levantamento dos xingamentos considerados mais ofensivos por um grupo de homens e mulheres adultas, estudantes do ensino superior público e particular em Brasília. Buscou-se levantar se havia e, caso houvesse, quais seriam os valores relacionados à masculinidade em nossa cultura.

Palavras-chave

Xingamentos, masculinidade, gênero

Abstract

Swearing is the act of aggression by the use of insulting words aiming to abuse the listener. However, what is considered as being an insulting word depends on the cultural values and on what is expected from the individuals who belong to it. Accordingly, swearwords are cultural symptoms, constituting a bridge to the search for values which are repeated in them and placed in act. That is, the swearword points to the social place that should not be

Valeska Zanello. Professora Adjunta do Curso de Psicologia. IESB (Instituto de Educação Superior de Brasília)

Tatiana Gomes. Graduada em Psicologia/IESB (Instituto de Educação Superior de Brasília)

Recebido em 30/06/2010. Aprovado em 30/09/2010

¹ BADINTER, E. *XY De l'identité masculine*. Paris: Odile Jacob, 1992, p.172.

² HOUAISS, Antônio., VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.2897.

³ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução: Mário Gama Kury. 4ªed. Brasília: UNB, 2001.

⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de insultar*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

⁵ Ibidem, *passim*.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem, p.1629.

⁸ Ibidem, p.1621.

⁹ Ibidem, p.2874.

occupied by the individual. Accordingly, it plays an important role of microphysics of power. The present work aimed to make a survey of the swearwords considered most offensive by groups of adult men and women, higher education students from public and private colleges in Brasília. We aimed to survey if there would be, and in positive case, what are the values related to masculinity in our culture.

Keywords

swearwords, masculinity, gender

Ser um homem se diz mais de bom grado no imperativo do que no indicativo.¹

Segundo Houaiss & Villar², xingar é um verbo que aponta para o ato de “agredir por meio de palavras insultuosas, injuriosas, ofender, descompor, destratar, afrontar”. Quando é fruto de uma indignação, por ultraje sofrido ou injustiça recebida, pode ser considerado uma virtude³, mas também pode ser utilizado com o intuito de atacar uma pessoa, pois, segundo Schopenhauer⁴, uma só grosseria supera qualquer argumentação e faz sombra a qualquer espiritualidade. O xingamento seria, neste último sentido, como uma calúnia abreviada: quem insulta revela com isso, claramente, não poder fazer valer contra o outro nada de real ou verdadeiro. Ou seja, com a injúria, o falante fornece a conclusão e fica devendo as premissas: quer dar a entender de tal modo que isso só acontece por amor à brevidade⁵.

Pode-se perceber a vizinhança semântica (considerada por alguns como sinonímia) dos termos “xingar”, “insultar”, “injuriar” e “vituperar”. Segundo Houaiss & Villar⁶, o termo “insultar” aponta para o ato de “atacar (...); proferir palavras ou ter um comportamento que atingem gravemente a dignidade, a integridade, a honra (de outrem), afrontar, ofender”⁷. A idéia de injúria sublinha o “insultar; fazer infame, desonrar; (...) julgar indigno de si, ter desdouro (i.e. de ocupar posição desqualificada); (...)”⁸. Já vitupério é “palavra, atitude ou gesto que tem o poder de ofender a dignidade ou a honra de alguém,

afronta, insulto; acusação infamante, injúria”⁹.

Uma idéia se destaca: há palavras que possuem o poder, quando proferidas pelo falante, de ferir gravemente a dignidade, a integridade e a honra do ouvinte. Que palavras seriam essas? Por que e em que sentido colocam o outro numa posição desqualificada? E que parâmetro é este que determina esta desqualificação? Por que o sujeito (que recebe o insulto) sente-se ofendido? Geralmente os xingamentos são termos que apontam para valores e exercem uma função de controle social. Assim, sentir-se ofendido é sentir-se ferido em suas susceptibilidades, em seu amor próprio¹⁰ o que os xingamentos nos revelam sobre esses valores, a cultura e sua relação com os processos de subjetivação?

Um traço importante dos xingamentos é a sua especificidade quando usado, pragmaticamente, no ato de xingar, para ofender o sexo feminino ou o masculino. Uma mesma palavra, como por exemplo o termo “vagabundo”¹¹, pode tomar conotações diferentes: quando atribuído a uma mulher, toma a conotação de atividade e variabilidade sexual; quando atribuído a um homem, conota a falência da produtividade. Ou seja, os xingamentos não devem ser compreendidos apenas em seu aspecto semântico, mas também pragmático. Torna-se assim essencial, para sua compreensão, levar em consideração as contribuições de Wittgenstein¹², após a “virada lingüística”. Para o filósofo, o sentido de um termo é seu uso¹³. Além disso, o autor sublinha que falar uma língua é jogar um jogo de linguagem, o que aponta para uma forma de vida.

Os xingamentos podem, portanto, ser considerados como sintomas¹⁴ de nossa cultura e, como tal, podem ser reveladores de importantes valores em geral e, em específico, das relações de gênero. Em outras palavras: não se xinga de qualquer forma, com qualquer vocábulo; e também, há palavras que são consideradas mais ofensivas do que outras, a depender do sexo do xingado¹⁵.

Os xingamentos são aplicados em situações diversas e têm o poder de interpelar afetivamente o interlocutor pela referência direta aos valores que apregoa e que são constitutivos do sujeito social.

¹⁰ Ibidem.

¹¹Ver esta idéia desenvolvida detalhadamente em ZANELLO, Valeska (2010). “Vagabundo” ou “vagabunda”? Xingamentos e relações de gênero. In: Martins, F.; Araujo, J.N.G.; Souza, M. (Org.). *Conhecimento, Subjetividade e Sofrimento Psíquico* (prelo). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p. 249-263.

¹²WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas* (J. C. Bruni, Trad.). Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Trabalho original publicado em 1953)

¹³ Ibidem.

¹⁴Fazendo menção a Freud, para quem o sintoma era portador de sentido, constituindo-se como uma porta privilegiada para o acesso ao inconsciente, o xingamento pode ser uma porta de entrada para o estudo de valores e papéis sociais constitutivos dos sujeitos.

¹⁵Para Fagersten & Dalarna (2007), o maior potencial de uma palavra para ofender depende de sua semelhança ou proximidade com os xingamentos. Os xingamentos são as palavras consideradas mais ofensivas. Em geral, são palavras que apontam para termos ou comportamento sexual. FÄGERSTEN, Kristy Beers & DALARNA, Högskolan. A sociolinguistic analysis of

swear word offensiveness. Documentos científicos da Universidade do Sarre, Suécia, 2007. Disponível em: http://scido.k.sulb.uni-saarland.de/volltexte/2007/1173/pdf/Beers_Faegersten.pdf. Acesso em 15 de maio de 2010.

¹⁶ STAPLETON, Karyn. Gender and Swearing: a community practice. *Women and Language*. V.26, no.2, 2003.

¹⁷ DÉPÊCHE, M. Reações hiperbólicas da violência da linguagem patriarcal e o corpo feminino. In: STEVENS, Cristina. & SWAIN, Tânia Navarro. (Orgs). *A construção dos corpos- Perspectivas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008, p. 209.

¹⁸ ARARIPE, Max. *Linguagem sobre sexo no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p.22.

¹⁹ Tal estudo é parte de uma pesquisa maior, desenvolvida desde 2007, e em fase de finalização, cujo tema é "Xingamentos: entre a ofensa e a erótica". Dados parciais já foram publicados em ZANELLO, Valeska & OLIVEIRA, Tatiana (2008). Xingamentos: Sintoma e Reprodução da sociedade patriarcal. In: UMAR (Org). *Quem tem medo dos feminismos? Congresso Feminista 2008*. Lisboa: Nova Delphi, 2010 (prelo); ZANELLO, Valeska & BUKOWITZ, Bruna (2010).

Segundo Stapleton¹⁶, os xingamentos constituem um tabu linguístico na sociedade ocidental, funcionando na manutenção do comportamento na comunidade.

Além disso, os termos considerados xingamentos e as atitudes que eles provocam mudam com o passar do tempo e os acontecimentos históricos. Ao xingar, estamos constituindo, repetindo e reafirmando os valores, exercendo uma espécie de microfísica do poder, na qual se situam e se (re)constituem (dinamicamente) os lugares sociais (in)desejáveis para os sujeitos.

É nesta direção que Dépêche¹⁷ aponta que

a linguagem utiliza uma língua natural, sim, mas ela é uma máquina simbólico-ideológica que funciona conforme as condições de produção/imagem social (...). A linguagem, então, reflete o meio social, húnus onde ela nasce, mas também, cria sentidos, que modelam corpos segundo uma diferença instituída politicamente (...)

É necessária, assim, uma análise adequada para compreendermos este poder que as palavras têm de serem não apenas repressivas, mas constitutivas. O poder constitutivo das palavras aparece nos próprios preconceitos tornados invisíveis pelo hábito do uso. É o que ocorre nos xingamentos: "A percepção, com o tempo, não mais distingue o preconceito social latente no conteúdo emocional dessas palavras (...)"¹⁸.

Apesar da amplitude do tema, o objetivo do presente artigo foi estudar quais xingamentos seriam considerados como mais ofensivos, atribuíveis aos homens, por mulheres e homens adultos, em Brasília¹⁹. O escopo foi analisar se havia valores relacionados a uma suposta masculinidade e quais seriam.

A pesquisa

Foram aplicados 375 questionários, 204 em uma instituição superior de ensino particular (39 em ho-

mens e 165 em mulheres) e 171 em uma instituição superior de ensino público (99 em mulheres e 72 em homens). Nos questionários, havia oito perguntas: a) quais os piores xingamentos atribuídos a um homem? b) em que situação? c) quais os maiores elogios atribuídos a um homem? d) em que situação? As mesmas questões foram propostas em relação aos xingamentos/ elogios femininos. Neste artigo, limitamo-nos à análise das respostas acerca dos xingamentos masculinos, atribuídos tanto pelos homens quanto pelas mulheres. Objetivou-se, também, observar se havia diferenças significativas desses valores, nas categorias sexo e condição social.

As respostas foram submetidas a uma análise qualitativa e quantitativa. A análise qualitativa levou em consideração não apenas o aspecto semântico dos termos, mas também seu aspecto pragmático. Isto é, a situação e o sentido privilegiado do uso do termo pelo sujeito entrevistado. Desta maneira, houve casos onde o mesmo termo considerado como xingamento, em respostas diferentes, foi classificado em categorias diferentes, pois o sentido era diverso. Um exemplo foi o termo “vagabundo” que ora denotava um homem que não trabalha, ora um homem traidor.

Foram encontrados ao todo 295 xingamentos atribuídos por homens a homens (108 no ensino particular e 187 no ensino público) e 801 xingamentos atribuídos por mulheres a homens (437 no ensino particular e 364 no ensino público).

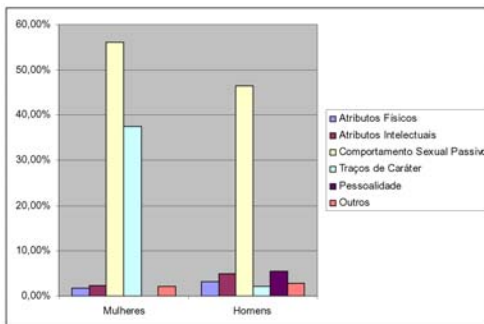
“Veado” e “vagabundo”

Pôde-se observar em ambas as freqüências de respostas (nos questionários masculinos e femininos) a prevalência de duas categorias: xingamentos de caráter sexual passivo e traços de caráter de auto-investimento. A soma das respostas das mulheres foi considerada como um todo, para verificarmos a freqüência relativa das categorias neste público. O mesmo foi realizado com as respostas masculinas.

A distribuição da percentagem total dos xingamentos atribuídos aos homens por homens e mulheres pode ser visualizada no gráfico abaixo:

Xingamentos em contos eróticos: transgressão ou reafirmação do mesmo?. *Labrys* (Edição em Português. Online), v. 17, p. 3, 2010; e ZANELLO, V. *Op. cit*

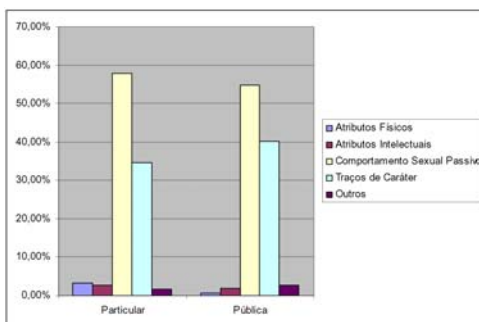
Gráfico 1- Comparação da percentagem de categorias dos xingamentos considerados como piores atribuídos por mulheres e homens adultos aos homens.



Considerados como um todo (soma dos xingamentos atribuídos por homens e mulheres do ensino superior particular e público), houve predomínio da categoria dos xingamentos relacionados ao comportamento sexual passivo em primeiro lugar, sucedida pela categoria traços de caráter de auto-investimento.

No entanto, foram encontradas pequenas diferenças na distribuição da percentagem nos grupos de mulheres de ensino superior público e particular. Tais diferenças podem ser observadas nos gráficos abaixo:

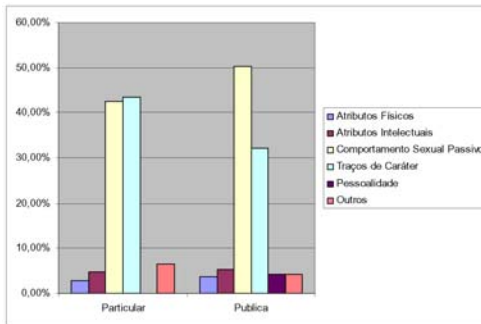
Gráfico 2- Percentagens de categorias de xingamentos masculinos atribuídos por mulheres adultas, em uma instituição de ensino superior particular e outra pública



No grupo de homens de ensino superior público houve, assim como no grupo de mulheres (ensino particular e público) um predomínio dos xingamentos relacionados ao comportamento sexual passivo. Já no grupo de homens de ensino superior particular houve tecnicamente um empate da frequência das respostas da categoria de xingamentos relacionados ao comportamento sexual passivo e aos traços de caráter de auto-investimento, como pode ser constatado abaixo:

²⁰ ARANHA, Altair J. *Dicionário brasileiro de insultos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p.352.

Gráfico 3- Percentagens de categorias de xingamentos masculinos atribuídos por homens adultos, em uma instituição de ensino superior particular e outra pública



Outra diferença importante entre os dois grupos de homens foi o aparecimento de uma categoria dentre os estudantes do ensino superior público que não apareceu nas respostas dos estudantes do ensino superior particular: a “pessoaalidade”. Nesta categoria, foram considerados como piores xingamentos pelos estudantes aqueles que apontavam para aspectos pessoais de certas pessoas próximas ou da classe, tais como o nome (exemplo, “André”) ou o time de futebol preferido (“gremista”).

Em geral, nos xingamentos de caráter sexual passivo o termo mais encontrado foi “veado”, seguido de “broxa” e “corno”. Segundo Aranha, “veado” “usa-se, no Brasil, com muita frequência para insultar a vítima, identificando-a como homossexual masculino”²⁰. Araripe completa, afirmando que “o veado

²¹ Ibidem. p. 46.

²² WELZER-LANG, Daniel. *Les hommes et Le masculin*. Paris : Payot, 2004.

²³ BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Paris: Seuil, 1998.

²⁴ Ibidem, p. 172.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem.

²⁸ BADINTER, E. *Op. cit., passim.*

²⁹ JUNIOR, Luiz Costa Pereira. *Com a língua de fora- A obscenidade por trás de palavras insuspeitas e a história inocente de termos cabeludos*. São Paulo: Angra, 2002.

³⁰ SAFFIOTTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

(...) é em todo o Brasil, o homossexual masculino *passivo*²¹ (grifo nosso). Como aponta Welzer-Lang²² e Bourdieu²³, o homossexual é visto como uma mulher em um homem, isto é, é desqualificado. Tal xingamento, considerado como pior tanto por homens como por mulheres, aponta o caráter ainda extremamente patriarcal de nossa cultura.

Segundo Badinter²⁴, a maior parte das sociedades patriarcais identifica masculinidade e heterossexualidade: “na medida em que continuamos a definir o gênero por comportamento sexual, e a masculinidade por oposição à feminilidade, é inegável que a homofobia, a exemplo da misoginia, exerce um papel importante no sentimento de identidade masculina”²⁵. A homofobia, que apareceu nos xingamentos relacionados ao comportamento sexual dos homens, relaciona-se ao “ódio das qualidades femininas”²⁶. A virilidade sexual masculina parece assim construir-se na afirmação de uma negação da feminilidade, de modo mais negativo que positivo: ser homem, neste sentido, é não ser doce, não ser afeminado, não ser submisso... Os xingamentos sexuais apontam para um sentido de passividade, relacionado nas representações de gênero, ao “ser mulher”. O xingamento sexual considerado mais ofensivo neste caso (“veado”) é, portanto, aquele que aponta para uma proximidade, ou qualquer experiência que possa aproximá-lo, de ser uma simples “mulherzinha”.

A noção de virilidade seria assim, segundo Bourdieu²⁷, eminentemente relacional, construída face e para outros homens e contra a feminilidade, numa espécie de medo do feminino. É neste sentido, que a virilidade deve ser eternamente provada, ficando o feminino relacionado à falta, falha, falência e vulnerabilidade.

A homofobia reforçaria, segundo Badinter²⁸, a frágil heterossexualidade de muitos homens. Seria um mecanismo de defesa: uma estratégia para evitar o reconhecimento de uma parte de si mesmo, torná-la suportável.

Segundo Junior²⁹, o termo “veado” é o participio passado do verbo “venari”, significando “caçado”. Para Saffiotti³⁰, a posição de caçador é vista, dentro da hierarquia binária patriarcal, como sendo a posi-

ção masculina, enquanto as mulheres estariam relacionadas à posição de serem “caçadas”. O veado ocupa assim claramente uma posição inferior, feminina, daí a força deste xingamento e a alta frequência de sua ocorrência em todos os grupos estudados e na atribuição tanto de homens quanto de mulheres.

Outro termo bastante freqüente na categoria comportamento sexual passivo foi o termo “broxa”. “Broxa” refere-se a “homem que perde ou não consegue ter ereção numa relação sexual”³¹. Segundo Badinter³², símbolo de toda-potência (*love machine*) ou da mais extrema fragilidade, o pênis, metonímia do homem, é também seu mestre obsessivo. Para Azize e Araújo³³, a representação de homem viu-se, em nossa cultura, cada vez mais aderida à representação de virilidade. A virilidade laboral reflete-se na virilidade sexual, sendo comuns metáforas laborais por parte dos homens para se referirem à potência sexual. Exemplo seriam as palavras “desempenho” e “performance” para descrever o ato sexual:

A construção da masculinidade vai muito além do fato de se ter nascido homem ou não; o que conta é a ‘excelência de desempenho’. Essa excelência de desempenho esperada de todo ‘homem de verdade’ possui ainda uma especificidade: não se trata apenas de atingir um padrão viril assumido como dominante, mas de parecer, transparecer, falar, demonstrar esta situação³⁴.

Os termos utilizados para descrever o órgão sexual masculino apontam para esta virilidade que deve ser sempre comprovada: “Com relação ao corpo do homem, a linguagem sobre o pênis elabora a força e a superioridade dos genitais masculinos, bem como a sua função como instrumento ligado à atividade, à violência e à violação (pau, caralho, cacete, pica, ferro, vara)”³⁵.

Por seu turno, “corno” é “esposo de mulher adúltera (...). É um dos insultos mais populares”³⁶. Segundo Araripe³⁷, este xingamento aponta para o oposto de “ganhão”, pois tem como referência o boi, “e esta presença faz-se sempre de forma pejorativa, a macular as vaidades mais afagadas no macho conquistador e que tem como critério de valor o

³¹ ARANHA, A. J. *Op. cit.*, p.61.

³² BADINTER, E *op. cit.*

³³ AZIZE, Rogério; ARAÚJO, Emanuelle Silva. A pílula azul: uma análise de representações sobre masculinidade em face do Viagra. *Antropolítica*, v. 14, 2003, p. 133-151.

³⁴ *Ibidem*, p.141.

³⁵ CHACHAM, Alessandra Sampaio; MAIA, Mônica Bara. Corpo e sexualidade da mulher brasileira. In: VENTURI, Gustavo et al (Orgs). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004, p.81.

³⁶ ARANHA, A.J. *Op. cit.*, p.91.

³⁷ ARARIPE, M. *op. cit.*

³⁸ *Ibidem*, p.44.

³⁹ SAFFIOTTI, H.. *Op. cit.*, p. 18.

⁴⁰ WELZER-LANG, D. op. cit

⁴¹ SAFFIOTTI, H. op. cit

⁴² WEST, Candice & ZIMMERMAN, Don H. *Doing gender. Gender and Society*, v 1, n. 2. (Jun., 1987), p. 125-151.

⁴³ Interessante apontar que o poder dos xingamentos de serem veículos de valores da cultura, é tão grande, que passa a ser invisível. Muitas pessoas se diriam, neste sentido, “revolucionárias”, mas ao xingar são, ainda que não saibam, extremamente reacionárias. A prática vem antes da crença, segundo Susan Bordo (1997). BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M. & BORDO, Susan R. (Orgs). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos temos, 1997, p. 19-41.

ser dono e senhor absoluto de suas conquistas”³⁸. Para Araripe, o boi é símbolo, na cultura nacional, da paciência, do conformismo e da submissão. Os chifres parecem cumprir, em especial, seu papel pejorativo neste xingamento.

Os xingamentos de caráter sexual passivo apontam dessa maneira para o papel ativo que o homem deve ocupar na vida sexual/amorosa, pois, como nos diz Saffiotti, “quer quando o homem desfruta de uma posição de poder no mundo do trabalho em relação à mulher, quer quando ocupa a posição de marido, companheiro, namorado, cabe-lhe, segundo a ideologia dominante, a função de caçador”³⁹.

Xingar é, assim, um ato de fala que presentifica, reproduz e reforça esses valores. Como afirma Welzer-Lang⁴⁰, para a manutenção da hierarquia patriarcal, há ameaças coletivas para que todos os homens, em todos os lugares, se conduzam seguindo as regras da masculinidade definida em oposição binária (sob pretexto de naturalismo) à feminilidade. Os xingamentos apontam quais lugares sociais deve o sujeito evitar. Nesse sentido, Saffiotti afirma que a identidade social do homem e da mulher é construída a partir da atribuição de distintos papéis que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimitaria assim os campos possíveis de atuação em que podem operar um homem e uma mulher⁴¹.

West & Zimmerman⁴² sublinham, também nessa direção, que os papéis sociais não são apenas atribuídos (ou atribuíveis) a homens e mulheres, mas, antes, que para uma mulher ou para um homem o se engajar em alguns deles (e não em outros) é desenhar e exibir sua “natureza” de mulher e de homem. Para estes autores, o gênero é uma prática no gerúndio: o *doing gender*. Os xingamentos exercem assim uma microfísica do poder que constitui os sujeitos, que se sentem ofendidos ao serem xingados por certos termos que apontam determinados valores⁴³.

Em segundo lugar, tanto nas repostas femininas (ensino superior particular e público) quanto masculinas do ensino superior público apareceram os xingamentos relacionados aos traços de caráter de

auto-investimento. Diferentemente dos traços de caráter relacionais⁴⁴, valorizados nas mulheres⁴⁵, nos homens são valorizados traços de caráter de independência, isto é, de investimento em si mesmo, na autonomia e na produtividade.

Para Dimen, o patriarcado constrói o gênero e este a psique, através de duas divisões de trabalho:

A primeira, a divisão de trabalho emocional, interrompe o movimento fluido da experiência pessoal e o congela em dois momentos, 'individualização' e 'ligação'. Individualizar é um ideal cultural de grande força. Conotando autonomia, atuação e singularidade, sugere também o tipo de adulto responsável só por si e por mais ninguém. Só o pronome masculino satisfaz aqui, pois, em nossa cultura (...) ⁴⁶

Na categoria traços de caráter de auto-investimento, apareceram xingamentos tais como: "vagabundo", "fracassado", "frouxo", "bundão", "pobre". Segundo Zanello,

o termo "vagabundo", quando usado no masculino, também diz ao homem o que lhe é desejável (e o valor através do qual será julgada a totalidade de sua pessoa): a produção, a atividade, o rendimento pessoal. Os valores aqui representados seriam os de individualização, autonomia, singularidade, mas também de desempenho, produtividade, sucesso profissional e financeiro como equivalentes do sucesso desse processo de individualização (ou seja, um homem é bem sucedido se ele é esforçado para produzir e acumular, e é reconhecido por isso). O xingamentos também apontam para o que lhe é interdito: a renúncia a esse padrão de rendimento⁴⁷.

Percebe-se pelo xingamento o que é interdito para o homem e o que lhe é desejável: a virilidade se impõe tanto na vida amorosa e sexual, quanto na vida laboral. É esta virilidade faltante que dá o caráter ofensivo a estes xingamentos direcionados a um homem. Este aspecto também apareceu nos termos "frouxo", "bundão" e "pobre".

Segundo Aranha, "frouxo" aponta para aquilo "que não está esticado ou apertado. Vem do latim *fluxus* - fluido. Indica algo mole, bambo, sem vigor,

⁴⁴ DIMEN, Muriel. Poder, sexualidade e intimidade. In JAGGAR, Alison.M. & BORDO, Susan.R.(Orgs). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p.42-61.

⁴⁵ Ver dados relacionados aos xingamentos femininos em ZANELLO, V. *Op. cit., passim*.

⁴⁶ DIMEN, M. *Op. cit.*, p.48.

⁴⁷ ZANELLO. *Op. cit.*, p.162.

⁴⁸ ARANHA, A.J. *Op. cit.*, p.162.

⁴⁹ *Ibidem*, p.64.

⁵⁰ SAFIOTTI, H. *Op. cit.*, p.24.

⁵¹ BADINTER, E. *Op. cit.*, *passim*.

⁵² MATOS, Maria Izilda S. Delineando corpos. As representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, M. I.S. & SOIHET, R. (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003, p. 107-127

⁵³ *Ibidem*, p.122-123.

débil. Como insulto, designa a pessoa medrosa, pusilânime, sem autoridade, que cede com facilidade”⁴⁸. Já “bundão” é aquele “que foge das responsabilidades, covarde. (...) Observa-se que é insulto, quase exclusivo, para homem. Não se diz para uma mulher que ela é bunda-mole ou bundona. Bundona é uma bunda grande; bundão é homem acovardado”⁴⁹. Ou seja, para ser homem “de verdade”, há que ser duro, decidido, fálico, ativo, forte, viril. A chancela dessa virilidade, em nossa sociedade capitalista, aparece através da riqueza acumulada, conquistada.

Isto é, apesar da entrada de mulheres no mercado de trabalho, Saffiotti aponta que

o macho é considerado o provedor da família. Ainda que sua mulher possa trabalhar remuneradamente, contribuindo, desta forma, para o orçamento doméstico, cabe ao homem ganhar o maior salário a fim de se desincumbir de sua função de chefe. Logo, quer seja o único provedor das necessidades familiares, quer seja o principal deles, não lhe é permitido fracassar⁵⁰

Para Badinter⁵¹, com o advento do capitalismo, o pai deixou de ser o patriarca que vigiava a família, para ser um pai ausente, cada vez mais distante, consumido em suas ocupações. Aqui ocorreu a separação radical entre o mundo público e privado, e a organização do trabalho e o gênero.

Segundo Matos⁵², ao homem se reservou a esfera pública, e à mulher o mundo privado:

Essa separação entre público e privado não pode ser identificada como algo inevitável ou natural, tendo sido construída conjuntamente com a definição das esferas sexuais e da delimitação de espaços para os sexos (...). Aos homens caberia enfrentar a competitividade do mundo público⁵³.

Por oposição à mulher, cuja honra só pode ser defendida de maneira negativa (pela virgindade e fidelidade), um homem “verdadeiramente homem” é aquele que está à altura de realizar sua honra

buscando a glória e a distinção na vida pública. “A exaltação dos valores masculinos e sua contrapartida tenebrosa nos medos e nas angústias suscita a feminilidade: falível e princípios de falibilidade são como a encarnação da vulnerabilidade do homem (...)”⁵⁴. Aqui pode-se pensar em homens dominados por sua dominação: o homem é chamado a reproduzir todos os valores patriarcais até encarnar a potência que justamente lhe oprime. Os homens foram oprimidos pela virilidade⁵⁵.

Para Badinter⁵⁶, ser homem é assim uma construção que ocorre mais no imperativo que no indicativo. A frase comumente proferida aos meninos, “seja homem!”, aponta que a virilidade não seria algo “natural”. Neste sentido, ser homem implicaria um trabalho que parece não ser exigido das mulheres, pois ninguém diz a elas “seja mulher!”. A virilidade deve assim ser provada, construída, “fabricada”:

Dever, provas, competições, essas palavras dizem que há uma verdadeira tarefa a realizar para vir a ser um homem (...). O homem é então uma espécie de artefato, e como tal ele corre sempre o risco de falhar. Defeito de fabricação, falha da máquina viril, em suma um homem fracassado⁵⁷.

Welzer-Lang aponta o drama desta virilidade que é posta à prova a todo o momento:

O que dizer de um homem sem trabalho, quando o trabalho assalariado permanece um pilar de sobrevivência econômica, mas também da virilidade- um homem em mobilidade descendente, que sobrevive graças ao seguro desemprego? Um homem incapaz de mostrar signos de riqueza, sejam materializados em número ou em capital estético de mulheres apropriadas (ou supostas como tal)? (...) Como pensar a andropausa social que representa a aposentadoria (...)? É passada a hora de parar de pensar os homens como eternos vencedores, ou como um grupo uniforme de objetos inanimados (...)⁵⁸

⁵⁴ BOURDIEU, P. *Op. cit.*, p. 77.

⁵⁵ WELZER-LANG., D. *Op. cit.*, *passim*.

⁵⁶ BADINTER, E. *Op. cit.*, p. 15.

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ WELZER-LANG, D. *Op. cit.*, p.244.

⁵⁹ BOURDIEU, P. *Op. cit.*, p.75.

⁶⁰ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira Educacional*, v.11, n.32, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000200003&lang=pt. Acesso em 16/05/2010. Segundo a autora, no Brasil, percursos escolares de longa permanência na escola e ingresso tardio no mundo do trabalho são privilégios para uma parcela reduzida de sua população, embora essa relação venha sofrendo mudanças ao longo das últimas décadas.

⁶¹ ZANELLO, Valeska.; BUKOWITZ, Bruna; COELHO, Elisa. Xingamentos masculinos e relações de gênero dentre adolescentes de Brasília (inédito).

⁶² Importante, nesse sentido, destacar a adolescência como fenômeno cultural, inserido em um momento histórico, marcado por certas relações sociais e econômicas.

Estas perguntas apontam para o fato de que o privilégio masculino é também uma armadilha cheia de tensões e contenções permanentes “muitas vezes levadas ao absurdo, que impõe a cada homem o dever de afirmar em toda circunstância sua virilidade”⁵⁹.

No entanto, como apontamos anteriormente, foram encontradas algumas diferenças nas categorias e em sua prevalência. Para a compreensão dos dados deve-se levar em conta a realidade dos sujeitos participantes da pesquisa. Faz parte da realidade brasileira a reprodução, na educação, da desigualdade social⁶⁰. Ou seja, é realidade marcante nas instituições de ensino particular a necessidade de muitos alunos trabalharem para bancarem os altos custos das mensalidades. Por outro lado, alunos provenientes de escolas particulares de ensino médio têm mais chances de obterem aprovação no vestibular para uma instituição pública de ensino superior.

Grande parte desse público é composta por pessoas de classe média e média alta e a faixa etária de entrada é mais precoce. Pode-se pensar, assim, que o grupo de homens nos quais os xingamentos de traços de caráter de auto-vestimento foram considerados como mais ofensivos (apesar do empate técnico, houve uma pequena prevalência dos xingamentos relacionados aos traços de caráter de auto-vestimento) é justamente aquele no qual estes traços estão sendo colocados em xeque. Isto é, a virilidade laboral está colocada à prova.

Por outro lado, dentre os homens da instituição pública, a necessidade de trabalhar é menor, visto ser comum a dependência dos pais. Esse dado é corroborado pela categoria que só apareceu neste grupo: a “pessoalidade”. Esta categoria foi encontrada em outro estudo sobre os xingamentos e os valores de masculinidade dentre adolescentes em Brasília⁶¹. Pode-se pensar, assim, em uma continuidade da adolescência, apesar da entrada desses sujeitos em uma instituição de ensino superior. O trabalho e a independência (que apareceram nos xingamentos de traços de caráter de auto-vestimento) são parâmetros adotados pela própria OMS para a definição do término dessa fase de desenvolvimento em nossa cultura⁶².

Pode-se perceber, portanto, que apesar de haver categorias semelhantes que apontam para valores de nossa cultura relacionados ao gênero, é possível encontrar especificidades entre sua distribuição, configuração e prevalência. Welzer-Lang⁶³ aponta, justamente nesse sentido, a carência de estudos sobre os homens e a masculinidade. Para ele, da mesma maneira que o movimento feminista desconstruiu a “essência” feminina, faz-se mister a desconstrução de uma idéia unificada, essencialista, da masculinidade. Segundo o autor, apesar de nunca antes terem sido tão contestadas e destabilizadas as relações entre homens e mulheres, ou mais exatamente entre as relações sociais que organizam representações e práticas de pessoas designadas socialmente como homens e mulheres, faltam estudos sobre a masculinidade, realizados nessa mesma perspectiva. Ou seja, a partir de uma idéia de matrizes de virilidade e de virilidades locais. Em outras palavras, é necessário se pensar a masculinidade de maneira não homogênea, mas em sua diversidade e mobilidade social:

O homem é ausente da maior parte dos trabalhos sociológicos ou antropológicos relativos às relações sociais do sexo. Ele não existe, ou então o masculino é invocado como categoria homogênea de dominantes, e pouco trabalho deixa espaço às análises sobre as evoluções internas desta categoria e/ou sua (des)construção (...). Os homens são nesta perspectiva uma categoria a-social, a-histórica, fixa e independente⁶⁴.

Foi no intuito de apontar justamente um pequeno retrato social e histórico de masculinidades locais em nossa cultura que este estudo foi realizado.

⁶³ ZANELLO, Valeska.; BUKOWITZ, Bruna; COELHO, Elisa . *Op. cit.*, p.72-3.

⁶⁴ *Ibidem*.

